Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

O NEOBARROCO EM *NECROLÓGIO* DE VICTOR GIUDICE[1]

Carolina Veloso Costa
Doutoranda em Literatura
(UFSC)
carolinavelosocosta@gmail.com

Orientadora: Tereza Virgínia de Almeida
Professora Associada. de Literatura Brasileira
(UFSC)

Resumo

O escritor carioca Victor Giudice se destaca no cenário literário brasileiro como um dos mais importantes ficcionistas do século XX. Sua estreia deu-se com publicações de contos avulsos em 1969, como o miniconto "O banquete" no Jornal do Escritor, mas somente em 1972, o escritor irá publica sua primeira coletânea de contos, *Necrológio*, livro que já inicia revolucionando, ao trazer as primeiras palavras do conto "O arquivo" na sua capa. Victor Giudice surpreende os leitores e os críticos com uma obra experimental e ousada, considerada no mesmo patamar de excelência de Cortázar e Jorge Luis Borges. Concomitantemente, o poeto e crítico de arte cubano Severo Sarduy publica o ensaio *Barroco e neobarroco na América Latina* (1972), já que, em razão do devir europeu-indígena-africano, a América Latina se destaca como o espaço "lateral e aberto" propício para a explosão de um "barroco furioso" nas ruínas da renascença (SARDUY, 1979). O crítico levanta a discussão de que os artistas da modernidade estariam retomando operações que já prefiguraram no barroco, pervertendo a cronologia localizável, deixando de ser um estilo histórico, mas um estilo de cultura. Nessa perspectiva, a escrita de Giudice dialoga com esse *neobarroco* sugerido por Sarduy, através de narrativas repletas de paródias à burguesia e à cultura do acúmulo, que rompe com a continuidade de uma tradição da literatura, como a mescla de gêneros através da polifonia, o protagonismo do significante e um inegável apelo sinestésico.

Palavras-chave: Victor Giudice; Neobarroco; Literatura Latino-Americana.

Resumen

El escritor carioca Víctor Giudice se destaca en la escena literaria brasileña como uno de los novelistas más importantes del siglo XX. Su debut se produjo con cuentos de publicaciones sueltas en 1969, como el minicuento "O banquete" en el Jornal do Escritor, pero sólo en 1972, el escritor publicará su primer libro de cuentos, *Necrológio*, lo cual ya empieza revolucionando al traer las primeras palabras del cuento "O arquivo" en su portada. Víctor Giudice sorprende a los lectores y críticos con un trabajo experimental y atrevido, considerado en el mismo nivel de excelencia de Cortázar y Jorge Luis Borges. Al mismo tiempo, el poeta y crítico de arte cubano Severo Sarduy publica el ensayo *Barroco y neobarroco en América Latina* (1972), ya que, en razón del porvenir Europeo-indígena-africano, la América Latina se destaca como el espacio "lateral y abierto" conducente a la explosión de un "barroco furioso" en las ruinas del renacimiento (SARDUY, 1979). El crítico plantea la discusión que los artistas de la modernidad estarían retomando las operaciones que ya prefiguraban en el barroco, pervirtiendo la cronología detectable, ya no es un estilo histórico, sino un estilo de la cultura. En esta perspectiva, la escritura de Giudice dialoga con este

[1] Trabalho vinculado ao Laboratório Floripa em composição transdisciplinar: arte, cultura e política – LabFlor/UFSC.

ISBN: 978-85-7205-159-0

neobarroco sugerido por Sarduy, por medio de narrativas llenas de parodias de la burguesía y la acumulación de la cultura, que interrumpe la continuidad de una tradición de la literatura, como la mezcla de géneros por medio de la polifonía, el protagonismo del significante y una innegable apelación sinestésica.

Palabras-clave: Victor Giudice; Neobarroco; Literatura Latinoamericana

A segunda metade do século XX foi marcada pelo chamado *boom* da literatura latino-americana, principalmente entre os países hispano-americanos. A denominação *boom* é de autoria desconhecida e sua existência enquanto movimento literário também é questionável, primeiro devido a demarcação temporal de seu início e fim, segundo pela definição dos escritores que compuseram esse grupo, até então muito seleto.

O crítico literário Angel Rama compreende a complexidade desse processo literário, pois ainda que defina o marco inicial do *boom* em 1963, com a publicação de *Rayuela*, de Cortazar, ele também alega que o mercado editorial acabou trazendo de volta uma série de romances notáveis das décadas de 1940 e 50, os quais foram publicados em novas edições. O ápice do movimento em 1967, com a publicação de *Cien años de soledad*, de Gabriel Gárcia Marquez, e seu término entre 1972 e 1973, quando os países entraram em momentos políticos difíceis, devido a censura e a repressão da ditadura, o número de publicações literárias, consequentemente, diminuiu.

Podemos dizer então que não somente houve um grande avanço literário e estético na década de 60, mas também um maior interesse das editoras em publicar e divulgar a literatura produzida na América Latina, isso inclui Cuba, Brasil, Peru, México, Colômbia, Argentina, Uruguai e assim por diante. As produções já estavam acontecendo antes da demarcação temporal do *Boom*, entretanto não havia um diálogo, os escritores desconheciam as obras produzidas nos países vizinhos e nem havia o interesse internacional na literatura produzida nos países de terceiro mundo. Os estudos relacionados ao movimento literário demarcam como principais escritores os hispano-americanos, o único brasileiro inserido nesse grupo é Guimarães Rosa. Conforme destaca Angel Rama ao definir esse movimento literário:

> [...] el club más exclusivista que haya conocido la historia cultural de América latina, un club que tiende a aferrarse al principio inatingible de sólo cinco sillones y ni uno más, para salvaguardar su vocación elitista. De ellos, cuatro son, como en las academias, 'en propiedad': los correspondientes a Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa y Gabriel García Márquez. El quinto queda libre para su otorgamiento: lo han recibido desde Carpentier a Donoso, desde Lezama Lima a Guimarães Rosa (RAMA, 1982, p. 264).

Não quer isso dizer que o Brasil não estava a produzir uma literatura de qualidade em larga escala, pelo contrário, ainda que seja pouco comentado entre os estudos do *Boom* latino-americano, a literatura

ISBN: 978-85-7205-159-0

brasileira estava em efervescência, escritores, como: Jorge Amado, Rubem Fonseca, Victor Giudice, Lygia Fagundes Telles, Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues destacaram-se pela larga produção e recepção positiva nacional e internacionalmente durante o período.

O primeiro passo já havia sido dado, a literatura latino-americana estava a correr o mundo, levando consigo características peculiares de cada escritor e de cada país. Ainda que se pense em *boom* e em literatura latino-americana, não é possível generalizar e dizer que era um movimento homogêneo. Em apenas 6 anos surgiram obras completamente distintas entres si, inclusive a experimentação de formas, estruturas e linguagens caracteriza esse movimento literário, e serviu para abrir perspectivas que iam além do realismo tradicional, que, historicamente, era a fórmula mais características da narrativa latino-americana.

Na literatura brasileira esse processo foi marcado pelo *Manifesto antropofágico* proposto por Oswald de Andrade e seus companheiros, Raul Boop, Tarsila do Amaral e Mario de Andrade, na Semana de Arte Moderna de 1922. Nele se propunha uma orientação estética e ideológica que deveria trazer a emancipação quanto à submissão do Brasil e sua atitude conservadora com relação às artes. Em outras palavras, a libertação de toda a herança europeia, com o retorno da primitiva "devoração" como único modo para não acabar na "armadilha burguesa". Pode-se dizer que a antropofagia acontece da apropriação, incorporação, mas também da negação, da transformação e criação, ou seja, buscar em suas origens e essências aquilo que o diferenciasse das produções europeias e americanas. Podemos dizer que houve uma redescoberta do Brasil, uma nova face da literatura nacional, desse modo, caberia ao artista recriar símbolos abstraídos da mitologia cultural brasileira e projetá-los em uma nova linguagem.

Com o passar das décadas esse manifesto foi se consolidando de tal forma que ocorreu efetivamente o amadurecimento da literatura brasileira. Atente-se que esse processo é muito similar ao dos países hispano-americanos, em razão do devir europeu-indígena-africano, existia a percepção de que havia a necessidade de romper com as fortes heranças dos colonizadores e com a produção artística europeia e americana, priorizando a estética e a recepção do leitor, para então fortalecer o reconhecimento da literatura latino-americana no mundo.

Com base nessa ideia que o poeta e crítico cubano Severo Sarduy desenvolve a teoria do *neobarraco* como um estilo literário essencialmente latino-americano, tal como Alejo Carpentier e Lezama Lima, escritores e teóricos que procuram definir a essência e o conteúdo dessa literatura. Por isso esse trabalho propõe relacionar a teoria do neobarroco, de Severo Sarduy, com a obra do escritor brasileiro Victor Giudice, mais especificamente com base no livro *Necrológio.* Tanto o ensaio *Barroco e neobarroco na América Latina* quanto o livro *Necrológio* foram publicados no ano de 1972, Giudice apresenta narrativas repletas de paródias à burguesia e à cultura do acúmulo, que rompe com a continuidade de uma tradição da

ISBN: 978-85-7205-159-0

literatura, tal qual propõe Servero, como a mescla de gêneros através da polifonia, o protagonismo do significante e um inegável apelo sinestésico.

"A ficção parece absurda porque é a realidade despojada de todas as mentiras"[2]

Funcionário público por mais de 20 anos, o escritor Victor Giudice nasceu no Rio de Janeiro, em 14 de fevereiro de 1934, cresceu entre as mais diversas artes, despertou o gosto pela música, literatura, cinema, teatro e pintura, tornando-se o intelectual múltiplo que conhecemos hoje. Nenhum pouco convencional, Giudice se destaca no cenário literário brasileiro como um dos mais importantes ficcionistas do século XX. Sua estreia deu-se com publicações de contos avulsos em 1969, no Jornal do Escritor: "O banquete" foi o primeiro e inovador, trata-se de um miniconto, gênero que o escritor irá aprofundar posteriormente; o mundo do trabalho, e, principalmente, do servidor público brasileiro, será uma temática recorrente em suas narrativas, como no segundo conto denominado "In perpetuum", o qual possui como personagem principal um funcionário de banco que passa 30 anos procurando uma diferença de 10 centavos; e o seu terceiro conto "O arquivo", um dos contos brasileiros mais conhecidos internacionalmente, editado em 8 países, faz uma referência direta ao escritor checo Franz Kafka, com a metamorfose do funcionário joão[3] em arquivo de metal.

A metamorfose estará presente em três dos treze contos que compõem o *Necrológio*: "O arquivo", conforme citado anteriormente, o personagem joão se transforma em arquivo de metal; "A válvula", o Sr. Franciseh ("com agá, por favor")[4] vê sua barriga crescer e ficar cada vez mais grávido até gerar um rei de paus e em seguida diminui de tamanho e voz a ponto de chegar às proporções de um inseto e ser tragado pela descarga de um vaso sanitário, puxada pela sua própria esposa; e Grão Medalha, o personagem, cujo nome é homônimo ao título do conto, é um agiota que se torna empresário, no decorrer do conto adquiri sérios problemas de saúde, seu corpo apodrece a medida que se torna mais rico extorquindo os outros, até desaparecer em sua própria podridão, "a maquiagem se tornou incapaz diante das escamas da pele ungulada. Ninguém o viu mais" (GIUDICE, 1972, p. 72).

Podemos notar nessa breve contextualização que o fantástico e o absurdo permeiam as narrativas do escritor carioca ao mesmo tempo que abordam questões pertinentes à sociedade contemporânea brasileira. Tal qual o supracitado conto, todo seu livro de estreia, *Necrológio* (1972), traz narrativas voltadas à realidade ditatorial da década de 70 e 80: O arquivo, Sinephryza, A peregrinação da velha Auridéa, A

[2] Citação de Victor Giudice presente em suas principais obras, em *Necrológio* aparece na quarta capa e em *Bolero* faz parte da fala do personagem Ladislau de Monchique.
[3] A grafia do nome joão, protagonista do conto "O arquivo", aparece em letra minúscula, contrariando a regra de que nomes próprios devem iniciar com letra maiúscula. Esse "erro" ortográfico marca a desumanização e apagamento do personagem enquanto sujeito social e de sua própria vida.
[4] Personagem frequente nos contos de Giudice e sempre acompanhado da frase "com agá, por favor". Franciseh aparece nos contos "A Válvula" e "Grão Medalha".

ISBN: 978-85-7205-159-0

válvula, Oz gueijos, Grão Medalha, Os pontos de Harmonisópolis, In perpetuum, Carta a Estocolmo, Curriculum mortis, Pôquer, Falecimento, morte & vida de F. e o conto Salvatouros. Os treze contos possuem uma relação analógica ao panorama histórico brasileiro em um cenário do universo fantástico, onde a desumanização e a morte se fazem presentes em todas as narrativas, inclusive o nome do livro significa elogio à morte ou a uma pessoa falecida.

Através da utilização de metáforas, do entre lugar do real e do imaginário, do grotesco e da transgressão de gênero e da linguagem, Giudice conseguiu burlar a censura do governo militar e manteve em seu enredo um alto teor crítico da realidade político-social brasileira. Segundo Sarduy, a metáfora é a figura de linguagem barroca, ela "é por si só metalinguística, o das metáforas poéticas, que por sua vez supõem ser a elaboração de um primeiro nível denotativo, 'normal' da linguagem" (p. 163).

No mesmo contexto temporal de Victor Giudice, Severo Sarduy publica seu ensaio *Barroco e neobarroco na América Latina*, caracterizando a escritura desenvolvida na América Latina dos anos 60 e 70. Para o escritor cubano, o barroco foi de grande importância para a formação da arte e da literatura latino-americana, de modo que que a literatura contemporânea possui o *neobarroco* como marca única de sua estética. Sarduy decodifica o mecanismo estético barroco e neobarroco presente na literatura de escritores como: Lezama Lima, Alejo Carpentier, Pablo Neruda, García Márquez, Júlio Cortázar, Vargas Llosa, Carlos Fuentes, entre outros. Tais características também são encontradas na literatura de Victor Giudice, principalmente nos contos do supracitado livro *Necrológio*, e elevam o nível do seu texto, levando-o a necessidade de um "leitor atento", pois para o "leitor distraído" talvez essa escritura não diga nada. Conforme destaca Nelly Noaves Coelho:

> A naturalidade na fusão do real e do imaginário, a ruptura com o convencional (com o já conhecido) que Victor Giudice registra em *Necrológio*, obriga o leitor a um novo relacionamento com o texto. A nova concepção de literatura que está presente na diretriz da 'transgressão' obriga a uma leitura dinâmica (no sentido de criativa e não, de rapidez) que atinja os vários níveis de significação da escritura, pois é principalmente neste último plano (o do discurso) que se dá a ruptura. (2013, p. 933)

Necrológio aparece no cenário literário brasileiro como uma obra experimental, seus recursos não são comuns de encontrar no discurso de outros escritores. Críticos, como Nelly Novaes Coelho, comparam a sua literatura aos grandes mestres latino-americanos da época, como Cortázar e Borges: "

> Escolhendo a perspectiva de um "realismo ao avesso", na linha do fantástico-absurdo, Victor Giudice lhe dá, porém, um tratamento que não é exatamente o mesmo que encontramos, por exemplo, num Júlio Cortázar (com quem ele mantém inúmeras afinidades). Tal como o genial escritor argentino, Victor apreende de maneira satírico-realista a objetividade aparentemente comum do real, onde o fantástico e o absurdo irrompem como elementos integrantes e irredutíveis. Mas seu registro é mais direto (COELHO, 2013, p.926-927).

Além de ser possível notar em sua escritura a presença de autores que estiveram presentes em suas leituras ao longo de sua vida, como: Rider Haggard, Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Camões, Sartre, Machado de Assis, Balzac, etc. O experimentalismo para a teoria do neobarroco é sua essência, devido a

ISBN: 978-85-7205-159-0

literatura latino-americana romper com os parâmetros esperados pela crítica, surgem em diversos países narrativas que brincam com os gêneros literários, com a linguagem e com as mais variadas temáticas. Inclusive, Nelly Novaes Coelho apesar de não mencionar o neobarroco em seu artigo sobre Victor Giudice, no livro *Escritores brasileiros do século XX*, a sua análise sobre a obra giudiciana segue a lógica proposta por Sarduy.

Da capa do livro até a contracapa somos bombardeados por inquietações do autor. Victor Giudice, literalmente, produziu seu livro com um propósito: desafiar o leitor. A capa apela para a evolução crítica de formas, características herdadas do concretismo. Ela faz um recorte da época ditatorial, a arte não pode estar alheia aos acontecimentos políticos e sociais, ainda que sob ameaças de um governo repressor: o título aparece em letras maiúsculas vermelhas, com exceção do penúltimo e do último "o" que se encontram na cor branca e representam dois rostos cujos olhos indicam susto e astucia, respectivamente. O acento no penúltimo "o" faz a imagem parecer uma bomba prestes a causar danos, enquanto o último observa e sorri, eis aqui a imagem do oprimido e do opressor. Nelly Coelho interpreta os dois 'ós' de maneira um pouco diferenciada, identificando-os como uma caveira e uma brejeira, respectivamente:

> Aliás, a capa foi criada pelo próprio Giudice, que nela utiliza uma técnica de clara sugestão cinematográfica: a antecipação do filme, antes dos letreiros de abertura. Apresentando uma estrutura tipográfica nitidamente determinada pela problemática existencial/ficcional que alimenta a obra, a capa de *Necrológio*, em grandes letras vermelhas, contrastando com os dois 'ós' da palavra, em branco: um representando a face de uma caveira, o outro, uma face brejeira, sorridente, piscando o olho para o leitor. Logo abaixo, já começa o conto, em letras amarelas, destacando-se sobre o fundo preto (COELHO, 2013, p. 927).

Na citação anterior, Nelly Coelho ressalta que ao final da capa já observamos as primeiras 5 linhas do conto de abertura do livro, "O arquivo", em letras amarelas, exceto a palavra redução que está em vermelho. A narrativa, iniciada na própria capa, apresenta ao leitor o teor tragicômico presente no decorrer do livro, além de brincar com sua curiosidade e convidá-lo a dar continuidade a leitura do conto.

> No fim de um ano de
> trabalho, joão obteve uma
> redução de quinze por centro
> em seus vencimentos.
> joão era moço. Aque-

Segundo Nelly Novaes, no conto "O arquivo"

> temos um dos processos do absurdo humorístico criado por Giudice: camuflar o trágico sob a capa do cômico, através de uma escritura onde a *tragicidade* do enunciado se choca com a *indiferença* ou impassibilidade da enunciação. É exatamente essa inadequação imagem/conceito (inadequado entre o significado da *mensagem* e dos *significantes* que a veiculam) o fator que torna mais contundente a denúncia mencionada. (COELHO, 2013, p. 928)

A contracapa também foi elaborada por Giudice e apresenta uma sucessão de 16 imagens projetadas e produzindo a sensação de movimento. Como em uma película cinematográfica, Victor Giudice aparece no escritório dele em sua máquina de escrever, fazendo um efeito que imita a realidade, pode-se até dizer que é a representação do ato da escrita criativa e da argumentação: ele gesticula, aponta, bebe e fuma.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Porém, ele desaparece na última projeção, como que se o ato tivesse chegado ao fim, ou, numa perspectiva do contexto político-social do período, pode representar a censura e a punição do Estado. Por fim, segue a frase que intitula essa parte do trabalho "A ficção parece absurda porque é a realidade despojada de todas mentiras".

Não é a alienação dos personagens que provoca o absurdo no texto, mas a passividade do narrador diante dos fatos disparatados que ocorrem a todo momento. Além da linguagem e da estrutura textual que brincam e inquietam o leitor, há momentos em que se faz necessária a leitura em voz alta do texto, devido ao ritmo produzido pelo jogo fonético presente nas narrativas. O conto "Oz gueijos" é um bom exemplo da narrativa giudiciana, pois, nele, o autor faz uma junção da imagem, da palavra e do som, cria uma linguagem nova que mescla a popular com a burguesia.

Em primeiro lugar, o conto tem seu enredo voltado a uma reunião social para comemorar o aniversário de Magda, única personagem a ser nomeada no texto, os demais são apelidados conforme suas principais características: Marido, Mulher de Branco, Homem Gordo, Dama Obesa, Homossexual, Pintora Baiana e Moça Magra. Giudice faz uma caricatura da burguesia brasileira, seus nomes denunciam estereótipos da anulação do ser e de uma classe social morta, nas quais as relações pessoas acontecem conforme a aparência e *status*. O clímax do conto inclusive é algo superficial, realiza-se na espera dos queijos que não chegam, enquanto isso os personagens se embebedam com vinho e conversam sobre assuntos convencionais e sem sentido. O ponto principal desse conto não é o enredo em si, apesar dele apresentar elementos ricos de uma sociedade em excesso, mas sim a sua estrutura e a linguagem. Conforme poderemos notar no seguinte fragmento:

> Só Magda ouviu o telefone:
> - Alô?
> - Gláááro, glááro, glááro. A regonsdiduizão da ebiderme brozeza-se gom ezdraordi
> - Zim, zou eu mesma.
> - nária rabidez, uma vez que o dezido zelular re
> - Gomo?
> - zebe uma zérie de ezdímulos
> - o senhor boderia
> - broveniendes de um
> - rebedir?
> - gomblegzo vidamínigo
> - Mas já denho gonvi
> - brevimende
> - dados e
> - gue voi? (GIUDICE, 1972, p. 53)

A cena descrita na citação anterior corresponde ao momento em que Magda é informada que os queijos não chegarão no horário combinado, elemento gastronômico principal, visto que se trata de uma festa de queijos e vinhos. Porém o destaque está na disposição do diálogo e na nasalização das palavras,

ISBN: 978-85-7205-159-0

tais elementos não são meras convenções ou caprichos do autor, eles caracterizam tanto uma crítica social, como uma ruptura com a estrutura tradicional das narrativas, que se aproximam ao máximo da realidade e exigem uma percepção aguçada do leitor.

A nasalização está presente somente na fala dos personagens, o narrador em terceira pessoa, como em todos os contos do livro, assiste de fora aos acontecimentos da narrativa e relata-os sem exercer julgamento algum, esse papel será do leitor. De um ponto de vista intratextual do neobarroco, Severo Sarduy traz a sonoridade e aliteração como duas características constantes e perceberemos isso em outros contos de Giudice.

> A aliteração que 'afixa' e desdobra, que ostenta os traços de um trabalho fonético, mas cujo resultado não é mais do que mostrar o próprio trabalho. Nada, nenhuma outra leitura se esconde necessariamente sob a aliteração, sua pista não reenvia mais do que a si mesma e o que sua máscara esconde é precisamente o fato de não ser mais do que uma máscara, um artifício e um divertimento fonético que são seu próprio fim. Nesse sentido a operação é tautológica e paródica, isto é, barroca (SARDUY, 1979, p. 173).

Ainda que Servero destaque essa característica como tautológica, em Victor Giudice percebemos que ela não aparece por acaso. Os personagens são frutos de uma burguesia alienada que tenta se distanciar da sociedade brasileira usando da nasalização um artificio de estrangeirismo, a notação fonética da linguagem remete à língua francesa, assim como o cardápio da reunião: queijos e vinhos, alimento tradicional do noroeste da França. Conforme destaca Nelly Novaes Coelho:

> A transgressão das coordenadas comuns à ordem narrativa pode ser detectada em vários índices: o mais importante seria a *notação fonética da linguagem* que, já a partir do título [Conto *Oz gueijos*], predomina em toda a narrativa, denunciando, entre outras coisas, o mimetismo de comportamento à que as convenções sociais obrigam [...] Outro índice seria a substituição dos nomes próprios dos personagens por *sintagmas definidores* de cada personalidade (Homem Gordo, Pintora Baiana, Moça Magra, Homossexual, etc.), ou os *neologismos* que (para lá do ludismo e grotesco infiltrados no texto) revelam no autor uma extraordinária capacidade de síntese na apreensão da realidade. (2013, p. 934-935)

Já sobre a estrutura textual, toda a extensão do *Necrológio* propõe uma nova forma de organizar a narrativa. No caso do conto "Oz gueijos" percebemos diversas quebras no texto, nota-se nos diálogos dos personagens que há uma tentativa de aproximação da ficção com a realidade, ou seja, transpor uma conversa entre diversos indivíduos em uma reunião social. As falas dos personagens se entrecruzam, falam ao mesmo tempo e isso é demarcado pelos espaços presentes no fragmento citado anteriormente. Em primeira instância, o texto aparenta estar desarmônico e desorganizado, mas trata-se de um artifício realista utilizado pelo autor para que o leitor necessite fazer uma leitura atenta do texto. Segundo Severo Sarduy, "[...] o barroco atual, o neobarroco, reflete estruturalmente, a desarmonia, a ruptura de homogeneidade, do *logos* enquanto absoluto, a carência que constitui nosso fundamento epistêmico" (SARDUY, 1979, p.178).

Nelly Novaes Coelho descreve essa alternância do registro linear-progressivo pelo registro simultâneo como mais um sinal da literatura transgressora de Victor Giudice:

ISBN: 978-85-7205-159-0

> Ainda outro índice de transgressão revela-se no desejo de substituir, na escrita, o normal registro linear-progressivo, pelo *registro simultâneo* de fenômenos que na realidade se estão dando simultaneamente. Daí a constante interpenetração de diferentes unidades de pensamento, pela quebra de uma frase em meio, o registro de outra que lhe era simultânea, por sua vez interrompida para o prosseguimento da anterior, etc, etc, por sua vez interrompida para o prosseguimento da anterior, etc., etc (2013, p. 935).

No decorrer da obra, notamos a presença de frases inacabadas e curtas colocadas em parênteses no meio das narrativas, elas correspondem, além dos pensamentos dos personagens, à época da ditadura onde muitas vezes era necessário silenciar. Como, por exemplo, o conto "Grão Medalha" que inicia no velório do protagonista Senhor Grão Medalha, no qual os funcionários das Industrias Medalha S. A., enquanto a cerimônia acontece, estão pensando no alívio causado pela morte do presidente e pelo desfecho da cerimônia, essas informações são colocadas em parênteses entre o discurso do narrador e o diálogo dos próprios funcionários. No trecho a seguir percebe-se, através dos espaçamentos, que o narrador é quem tem o discurso interrompido pelo diálogo dos personagens, como que ele também fizesse parte da cena descrita.

> (pronto)
> (até que enfim)
> (graças a deus)
> Lenços guardados, lágrimas recolhidas, narinas recompostas, sorrisos refeitos. Na alegria da tampa, afinal fechada, lacrada, selada. A sete
> (para sempre amém)
> chaves. Do caixão negro, primeira classe,
> - Primeira?
> - Primeira e última.
> desclassificando-se agora, guarnecendo fétidos miasma de putrefação prematura.
> Do Senhor Grão Medalha envidalhado à gorda
> - Sabe-se pouco.
> sabe-se um quase (GIUDICE, 1972, p. 63).

Outra característica neobarroca do texto de Giudice é o uso de caixa alta, constantemente repetido no decorrer da obra, sua presença implica a vocalização e a corporificação, ou seja, um apelo à sonoridade. Isso ocorre através de uma mistura de letras minúsculas e maiúscula, para reforçar a intensidade do discurso. Conforme é possível notar no trecho de "Curriculum Mortis", nesse conto o protagonista Gafilhão de Saburgo em estado de plena saúde física, se suicida. Um ser influenciado por circunstâncias externas, planeja obsessivamente a morte da mulher e do amante, mas acaba por se entregar à morte e se libertar de uma vida arruinada e fracassada.

> - Bom dia
> - Bom dia
> (continua sorrindo / ainda SOU um GAFILHÃO de SABURGO)
> ((tum tum tum-tchtun))
> (BOLAS!)
> - O senhor leu a carta?
> - A proposta?
> - Sim.
> - Está aqui. A quantia que o senhor solicita, (o sorriso aumentou)

ISBN: 978-85-7205-159-0

- Vinte e três ... (GIUDICE, 1972, p. 134)

Outro exemplo curioso é o caso do conto "Salvatouros", nessa narrativa o autor utiliza a mesma técnica de intercalar o tamanho da fonte de letra para medir a intensidade do discurso e destacar a sonoridade do texto:

> (capadodiacapadoidacapadócia / capa doce das sombras de moitas de orva)
> Estômagos secretos trituravam trigo em crespa respiração. Ressonar aparente-expirante de espectros protegidos pela luneta de Salvatouros.
> (lho / orvalhamarealadas moitas de murtafulva Morta Fúlvia? / moitas de orVALHA-ME)
> - DEUS! (GIUDICE, 1972, p. 161)

Nesse mesmo conto há trechos em que o autor abdica da pontuação ou escreve vírgula ao invés de utilizar o seu respectivo símbolo, além da repetição do termo vírgula com o intuito de ironizar as apresentações formais de representantes da sociedade, como no trecho a seguir em que apresenta o representante Capadotius III:

> (a burgalês salvatouros setenta e duas horas para se entregar esteja onde estiver ponto a mulher que se chamar fúlvia caprina encontra-se em meu poder / mEU pOdEr / MeU POdEr / MEU PODER / poder de capadotius terceiro vírgula representante estatal do poder absoluto de flebius segundo vírgula preposto das liberdades oficiosas vírgula juiz supremo vírgula pretor vírgula chefe de polícia vírgula vírgula vírgula e filho de uma grandessíssima vírgula) (GIUDICE, 1972, p.159).

No conto "Pôquer" há um trecho em que Victor Giudice faz uma longa reflexão, no meio da narrativa, sobre a utilização da vírgula no próprio texto e a criação de um novo ponto: a semivírgula, "(em lugar desse ponto aí de cima, achei preferível uma vírgula, mas não ficava perfeito, porque o melhor seria uma semivírgula, coisa que não existe e precisa ser inventada para sublimidade de certas compreensões [...])" (GIUDICE, 1972, p.142). Esse conto é um dos poucos em que o narrador está em primeira pessoa e participa das ações, ou seja, o autor se utiliza de outro recurso linguístico em sua narrativa: a metalinguagem.

Artifícios utilizados pelo autor, como suprimir a pontuação, atribuem ritmo à leitura, assim como a utilização de símbolos, que o leitor atento, através de seu imaginário, perceberá os aspectos sonoros que, por sua vez, farão sentido no contexto da narrativa. Conforme ocorre no conto "Grão Medalha", no momento em que o agiota está cobrando uma dívida da família de um homem que acabara de morrer, os fragmentos são separados por cifrões que indicam várias unidades monetárias. Dessa forma, Giudice brinca com as palavras, com a pontuação e com símbolos, criando seu próprio ritmo prosódico.

> $ $ $
> - Grão medalha você sabe quem se matou?
> - Não sei nem quero saber. Não era só a mim que ele devia, era?
> $ $ $
> - O senhor já assassinou a família toda. Não adianta. Dia trinta desconto o cheque.
> (GIUDICE, 1972, p. 64)

Outro recurso neobarroco sugerido por Severo Sarduy é a proliferação, a qual consiste em "em obliterar o significante de um determinado significado, mas sem substitui-lo por outro" (1979, p. 164). Em

ISBN: 978-85-7205-159-0

algumas situações percebe-se na narrativa de Giudice uma sequência de frases que poderiam ser suprimidas sem prejudicar o texto ou palavras que não são empregadas com seu real significado ou atribuem outro que não está no contexto. Como no trecho de "A válvula":

> -is-to-por-que-se-o-tra-ba-lho-al-gum-di-a-di-gui-ni-fi-cou-al-guém-es-te-al-guém-a-pre-sen-ta-se-a-go-ra-pa-ra-a-bri-lhan-tar-um-com-vi-vi-o-em-bo-ra-es-ca-sso-com-es-ta-di-re-to-ri-a-cu-já-gra-ti-dão-nun-ca-se-rá-
> [...]
> su-fi-ci-en-te-pa-ra-de-mons-trar-quan-to-es-ta-di-re-to-ri-a-cu-ja-gra-ti-dão-nun-ca-se-rá-su-fi-ci-en-te-pa-ra-de- (GIUDICE, 1972, p.40)

Tendo em vista que, no recurso da proliferação, os signos "[são] esvaziados de suas funções [...] não nos conduz, nem de um modo sutilmente alegórico, a nenhum significado preciso" (SARDUY, 1979, p.165). No conto "Synephryza" alguns personagens são nomeados por números, o leitor não sabe se corresponde às idades, ao registro, ou um número atribuído pelo protagonista Bebé para referir-se às mulheres com quem dividia a vida e a Tia Siné, "Sinephryza era a noventeúm de um grupo de oitenteoito, oitentenove e noventa. [...] Cabeleireiro amador, penteava as amigas, sessentessete, sessenteoito, sessentenove e, então, setenta." (GIUDICE, 1972, p. 18).

Em alguns trechos, citados anteriormente, foi possível notar a presença de neologismos, a narrativa giudiciana está repleta de palavras que através de recursos linguísticos, como aglutinação e justaposição, formam novas palavras que, por sua vez, somente possuem sentido no contexto literário ficcional. Severo Sarduy denomina esse processo de condensação, o qual consiste nas "distorções de formas, constituem a trama, a andaimaria que estrutura a proliferação febril das palavras" (1979, p.167). Nos neologismos presentes em *Necrológio* aparecem "fundidos em uma palavra, comportamentos ou fenômenos bastante complexos" (COELHO, 2013, 935). Para citar alguns exemplos dos contos: "Sinephryza", sinestamorta; "A válvula", chefdigrupo, chefdiseção, chefdidepartamento; "Oz gueijos", marginalimagda, magdalando, marimagdo maridificando, aniversaliências, magdassunto, medmagdo, remagdalou, casalomossexobeso, magdamedicasal, feminescalizou-se, coragengoliu, acaldamobesimava; "Grão Medalha", sorriboquidente; "Harmonizópolis", cervejamonipresuntópolis, harmonigente, THEREZimundimorta, morteapodrecida; "In perpetuum", desdorme, maldormido.

Segundo Severo Sarduy,

> a função dessas operações é precisamente essa: a de limitar, de servir de suporte e de ossatura à produção transbordante das palavras – à inserção, prolongável ao infinito, de uma subordinada à outra -, isto é, a de fazer surgir o sentido precisamente ali onde tudo leva ao puro jogo ao acaso fonético, isto é, ao sem sentido (SARDUY, 1979, p. 167).

Notamos no decorrer do *Necrológio* diversos elementos da literatura neobarroca, sugeridos por Sarduy, como: notação fonética dos vocábulos, quebra da sintaxe normal, registro da interrupção e interpenetração das ações, a utilização de neologismos, todos esses recursos enriquecem a narrativa. Giudice cria um universo literário que vai além do *Necrológio*, personagens se repedem nos contos, mas

ISBN: 978-85-7205-159-0

também irão aparecer em outras obras do autor, como Auriflor, Grão Medalha Franciseh, que ora são mencionados ou são personagens importantes do livro *Bolero* (1985). Os paratextos também se revelam detalhes sobre a narrativa e merecem ser analisados com calma, as paráfrases de cada conto acrescenta no contexto, um detalhe que possibilita um novo olhar sob o texto, por exemplo, no conto "Grão Medalha": "Então ficou verde e coberto de escamas como os dragões que devoram crianças", referenciando o fato do protagonista apodrecer, criar bolor e escamas sob a pele; ou em "Oz gueijos": "Terça-feira/festinha na casa de/ aniversário de/ só queijos e vinhos france/" (automatismo psíquico), mais uma vez faz referência ao aniversário da protagonista Magda e que os convites são enviados sem importar quem é o convidado ou quem é o anfitrião, apenas umas convenção social.

Portanto, podemos concluir que a sociedade latino-americana, mais especificamente, a brasileira, vivia o caos, a ditadura não assustava tanto quanto a alienação da população. Giudice traz personagens alheios a tudo e a todos, uma burguesia apodrecida e perdida em suas futilidades, a morte passa a ser uma mera convecção. O próprio narrador dos contos não demonstra emoção alguma ao relatar as histórias que vão do realismo ao fantástico, a percepção do absurdo depende da recepção do leitor. Em um contexto de alienação, o conto " Pontos de Harmonisopólis" retrata tal qual era a sociedade da década de 70, marcada pela repressão militar. Por meio de um humor às avessas, do sarcasmo e da alegoria, a morte aparece atrelada à temas universais.

Nelly Novaes Coelho em um breve comentário resume a obra giudiciana,

> Linha metafórica ou alegórica, empenhada em levantar a 'ponta do véu' da alienação em que vive o homem pós-moderno, amputado de transcendência pelo progresso da ciência, e comandado, inconscientemente, não só pelas esferas oficiais ou pelos porões do poder, mas também pela engrenagem burocrática que comanda a sociedade – verdadeiras tramas invisíveis que permeiam o tecido social, anulando as vontades individuais (2013, p.937).

Conforme Severo Sarduy, o barroco é em essência o latino-americano, e a literatura contemporânea ressignificou esse estilo, de um modo inconsciente ou conscientemente, devido a necessidade de romper com o tradicional europeu e americano, autores de diferentes países ao mesmo tempo transgrediam em sua escrita criativa. Segundo Nelly Novaes Coelho (2013), Giudice é "[...] aquele que procura (na linha de um Cortázar) 'desescrever a literatura', romper com o esperado, o convencional, e, através do satírico/fantástico/absurdo, instaurar uma nova ordem no universo literário e, por consequência, no humano" (p. 936). Por isso, a narrativa giudiciana, em especial, o livro *Neocrológio*, é neobarroca, é experimentalista, é inversa ao que o mercado editorial estava habituado e, ainda assim, permaneceu, pois era isso que se esperava de uma literatura latino-americana. Como destaca o próprio Severo Sarduy, o "barroco em sua ação de pesa, em sua queda, em sua linguagem afetada, às vezes estridente, multicor e caótico, metaforiza e impugnação da entidade e sua autoridade logocêntrica que até então não nos estruturava em sua distância e sua autoridade" (1979, p. 178).

ISBN: 978-85-7205-159-0

A escrita de Victor Giudice carece de pesquisa, ao mesmo tempo que suas obras dialogam e são comparadas à grandes escritores, ele aparece a margem do sistema literário brasileiro. Os poucos críticos que conhecem a narrativa giudiciana reconhecem seu trabalho, o qual algumas vezes torna-se profético. Tendo em vista que o escritor carioca produzia durante o caos político das décadas de 60, 70 e 80, atualmente, no século XXI, vemos o Brasil e o mundo ser bombardeado pelo conservadorismo, pela crise trabalhista, repressão política, os contos de Giudice, como "O arquivo", "Pontos de Harmonisópolis", "Salvatouros", "In perpetuum", não nos parecem distantes, nem os personagens alheios. Há muito do neobarroco em Giudice, há muito da narrativa de Giudice em nossa sociedade.

Referencias

COELHO, Nelly Novaes. *Escritores Brasileiros do Século XX*. São Paulo: Letra Selvagem, 2013.
GIUDICE, Victor. *Necrológio.* Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1972.
PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. A hora e a vez dos anos 70 literatura e cultura no Brasil. In: *Anos 70*: trajetórias. São Paulo: Iluminuras. p. 93.
RAMA, Ángel. *La novela latinoamericana 1920-1980*. Bogotá: Procultura, 1982.
SARDUY, Severo. O barroco e o Neobarroco. In: MORENO, César Fernandez (Org.). *América Latina em sua Literatura.* São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 160-178.